



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

HOMENS E MASCULINIDADES: ESTUDO SOBRE OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO MASCULINOS NA CONTEMPORANEIDADE

Juliana Fonsêca de Almeida Gama (1); Jorge Lyra (2)

(1) *Universidade Federal de Pernambuco E-mail: julianafgama@gmail.com*

(2) *Universidade Federal de Pernambuco E-mail: jorglyra@gmail.com*

RESUMO

Este trabalho deriva-se de uma pesquisa de Mestrado em Psicologia ainda em andamento, na UFPE, cujo objetivo geral é analisar os modos de subjetivação masculinos na contemporaneidade de homens pobres residentes em bairros de periferia da cidade de Recife/PE. Apresentamos aqui os resultados parciais do trabalho que vem sendo realizado com base em uma metodologia qualitativa, desenvolvida através de entrevistas semiestruturadas, com 5 (cinco) homens pernambucanos. Tais entrevistas estão sendo analisadas sob aporte teórico psicanalítico, sobretudo, laciano, e a partir da teoria de gênero de Butler. Dessa forma, atentamos para as transformações que certamente ocorreram tanto no âmbito social, quanto cultural ao longo da história e que possibilitaram o espaço que a temática “homens e masculinidades” vem adquirindo nas pesquisas, mas também para as esferas individual e relacional, atravessadas por aquilo que falha e toca um íntimo de gênero indizível. Consideramos aqui, masculinidade como algo não natural, um contorno construído, que nos leva ao encontro de uma história plural. Nesse sentido, a análise das entrevistas vem evidenciando que, embora não se escolha o próprio gênero, este está em produção em um devir constante, não-fixo e sempre em referência a um outro, de forma que muitas respostas são ofertadas ao entrevistador. Contudo, os discursos trazem algo que falha e não apenas reproduz, marcando o estranhamento e o único. Nos deparamos, então, com masculinidades e subjetivações que, no escape, trazem algo íntimo e único da masculinidade de cada sujeito em sua contemporaneidade.

Palavras-chave: Masculinidades. Homens. Gênero. Modos de subjetivação.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos os estudos sobre masculinidades foram adquirindo maior visibilidade na literatura científica brasileira. Refletindo sobre o percurso que tais estudos foram trilhando, vemos, ao nos depararmos com as produções acadêmicas, que foi apenas na década de 60 que se abriu um primeiro espaço para pensar, compreender e interpretar a dinâmica que envolve as relações entre o masculino e o feminino, e assim, as relações de gênero.

Foi então neste tempo que os estudos sobre masculinidade ganharam, segundo Gomáriz (1992), uma maior ênfase. Apesar disso, Medrado; Lyra (2008) apontam que aqueles estudos que trazem as masculinidades como objeto de estudo propriamente dito tiveram início apenas no final da década de 1980. E apenas mais recentemente, a partir da segunda metade da década de 1990, é que teria começado a busca por sistematizar as produções já realizadas sobre homens e masculinidades.

Com este marco temporal, Beiras; Lago (2007) afirmam que ao se fazer um apanhado das publicações crescentes e mais recentes deste campo é possível perceber que muitos estudos vêm buscando discutir e compreender as angústias dos homens contemporâneos e como os valores atribuídos a eles afetam a constituição de suas subjetividades. E é seguindo esta mesma linha que desenvolvemos o presente artigo, norteando-nos, sobretudo, através dos aportes teóricos que envolvem as Teorias de gênero, com destaque para a noção de gênero desenvolvida por Judith Butler.

Consideramos, ainda, a Psicanálise, sobretudo, lacaniana, pois esta, assim como a teoria de Butler, aponta para e trabalha com um mesmo ponto mutável, reflexivo, complexo e único, qual seja, o sujeito inserido no âmbito social, atravessado por trocas constantes entre ele e o meio, entre ele e o outro, trocas estas às quais se somam questões pessoais, ou seja, os modos como as subjetivam. Compreendemos, pois, que as Teorias de gênero e a Psicanálise se encontram e podem colaborar entre si possibilitando análises profundas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Com base nessa linha de pensamento buscamos analisar e desenvolver uma reflexão crítica acerca dos modos de subjetivação masculinos na contemporaneidade através de relatos de homens pobres residentes em bairros de periferia (microrregião 4.3)¹ da cidade de Recife/PE. Para tanto, buscamos identificar, a partir dos discursos dos homens colaboradores, as concepções produzidas sobre homens e masculinidades na contemporaneidade; investigar as implicações que as concepções vinculadas ao modelo hegemônico de masculinidade² têm nos discursos dos sujeitos da pesquisa; e analisar como estes homens vêm construindo as noções que envolvem sua própria masculinidade frente ao que é concebido por “masculino” na contemporaneidade.

Segundo Connel apud Beiras (2007), diferentes masculinidades são produzidas ao mesmo tempo, diante de um complexo processo que envolve uma negociação ativa em relações sociais múltiplas. Neste ponto, de forma complementar, pensamos junto com Butler (2003) que, para além de uma esfera estritamente social, é preciso pensar no que cada sujeito faz com aquilo que lhe é ofertado. Antes de ser cultural, social, biológico ou psíquico, pensemos nas relações de poder e nos efeitos dessa lógica relacional que carrega em si o peso de cada um desses elementos.

Desenvolvendo um pouco a noção de gênero butleriana, portanto, posicionamo-nos aqui frente à ideia de que ele é politicamente construído, assim como os limites dos corpos. E, assim sendo, é envolto por discursos que silenciam aquilo que buscam delimitar, fazendo existir e aparecer um cenário de poder nas relações de modo geral. Para Butler, então, o indivíduo, o corpo e o gênero estariam, como efeitos do poder, representados por instituições, categorias, pela linguagem, que lhes dão sentido e que permitem entender o outro.

Apesar dessas categorias e engessamentos propostos pelo poder, contudo, a questão é que há sempre algo que escapa a essas determinações e conduzem às limitações daquilo que busca conter o humano, que busca conter os gêneros, findando por segregar, excluir e, por que não dizer, agredir o que escapa. Butler coloca em Problemas de gênero (2003) que os gêneros não podem “ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados”

¹ Esta região compreende, conforme delimitações realizadas pelo IBGE, o bairro da Várzea, Cidade Universitária e Caxangá.

² “Masculinidade hegemônica” é uma denominação que foi cunhada pela cientista social australiana, R. Connel. Esta denominação parte da compreensão de que haveria, em cada cultura, um padrão de práticas que determinam o ideal social de masculinidade, a exemplo da noção de dominação dos homens sobre as mulheres na cultura ocidental. O modelo hegemônico é tido, portanto, como o “normal” da masculinidade que, como uma noção arraigada reflete a ideia de características “naturais”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(p.201). Ao mesmo tempo não sendo esses atributos, mas portando-os, eles podem ser “incríveis” (p.201), trazendo aí a ambiguidade do termo, na possibilidade de superar as próprias possibilidades, mas também como algo não-crível.

Neste ponto vamos ao encontro da psicanálise e a noção central de Inconsciente que, em Lacan, compreendendo-o como mais do que o oposto a consciência, é tomado como estruturado como uma linguagem. Com esta colocação, Lacan (2008, p.27) ratifica o conceito de sujeito como aquele submetido à linguagem e fornece ao Inconsciente um significado que é único: um estatuto de conceito, como algo que já traz em si alguma coisa de anticonceitual, já que entre o conceito e a coisa conceituada há um espaço, certa hiância, certa distorção.

O Inconsciente, então, passa aqui a ser trabalhado em sua descontinuidade característica, da ordem do irreduzível, para o que não há cura, apenas possibilidades. O conceito de Inconsciente é evidenciado, pois, não como uma regularidade, mas como alguma coisa que descontinuamente quer se realizar, assim como a noção de gênero butleriana, segundo a qual não se escolhe o próprio gênero, mas se produz em um devir constante, não-fixo e sempre em referência a um outro, trazendo algo que falha e não apenas reproduz, marcando o estranhamento e o único.

Nesse sentido, portanto, atentamos para as transformações que certamente ocorreram tanto no âmbito social, quanto cultural ao longo da história e que possibilitaram o espaço que a temática “homens e masculinidades” vem adquirindo nas pesquisas, mas também para as esferas individual e relacional, atravessadas por aquilo que falha e toca um íntimo de gênero indizível.

É por esse caráter flexível evidenciado nas transformações históricas e pela circulação psíquica, que concordamos com Lyra (2008) quando aponta que, as definições de masculinidade estão mudando constantemente, sobretudo por não ser a masculinidade um código genético, ou algo que flutua em uma corrente do inconsciente coletivo, mas algo que é subjetivado por cada um.

Diante disso, nesta pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento, na UFPE, visamos, entrelaçando as reflexões em cima das entrevistas e a partir da base teórica ora



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mencionada, a construção de um pensamento que compreenda a relevância de se escutar e refletir sobre os modos como os homens entendem e expressam suas identidades de gênero e ainda, sobre a forma como processam as imposições do imaginário social e constroem sua própria masculinidade. Isso, claramente, considerando as expressões como performances, que embora sejam ofertadas ao outro e, de certa forma, sejam uma representação deste, carregam consigo algo íntimo e, assim, pulsional, que mesmo em relação a um outro, surge no sentido de um traço unário³.

Diante dessas considerações, destacamos, por ora, que falar sobre masculinidades é uma tarefa, antes de tudo, complexa, uma vez que, como aponta Lyra (2008), investigar este tema “significa não apenas apreender e analisar os sentidos disponíveis sobre o masculino no imaginário, mas também discutir preconceitos e estereótipos e repensar a possibilidade de construir outras versões e sentidos”, ou seja, a possibilidade de pensar as próprias possibilidades.

2. METODOLOGIA

O trabalho de campo desta pesquisa de caráter qualitativo-exploratório, foi realizado através de entrevistas semiestruturadas, inspiradas no modelo etnográfico de pesquisa, com homens pernambucanos, residentes em bairros periféricos que compõem a Microrregião 4.3, da cidade de Recife. Como a pesquisa está interligada a um projeto mais amplo intitulado “*Paternidade e cuidado nos serviços de saúde*”, que está sendo desenvolvido através da parceria entre o Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA), da UFPE, e o Instituto PAPAI, definimos o local e os interlocutores da nossa pesquisa a partir dela.

As entrevistas foram realizadas com 5 (cinco) homens, com as seguintes idades: 18 anos (Pedro), 19 anos (Carlos), 23 anos (Luiz), 43 anos (João), 58 anos (José)⁴. Antes delas, porém, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática sobre os temas: homens e masculinidades⁵, psicanálise e teorias de gênero. Paralelamente a isso, adentramos na *observação no cotidiano*, vislumbrando que frente a alguns objetos o ato de fazer perguntas

³ Conceito lacanianiano que diz respeito a certa marca primordial da constituição do sujeito, um traço distintivo, de pura diferença, único e intraduzível.

⁴ Utilizamos aqui nomes fictícios no intuito de preservar os colaboradores.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não é suficiente, fazendo-se necessário observar o que as pessoas fazem e como se relacionam para que se possa ter um entendimento mais aprofundado do que se pretende estudar.

A concepção de sujeito e a orientação teórica da dissertação fundamentam-se no diálogo com a psicanálise lacaniana e com teóricos/as dos estudos de gênero e das masculinidades, com especial atenção à produção de Butler. Para a análise do material discursivo obtido através das entrevistas estamos utilizando a análise do discurso temática inspirada na proposta por Bardin, que abre espaço para um diálogo com a psicanálise como uma afiliação teórica.

Além disso, cabe destacar que esta pesquisa está sendo realizada em conformidade com os aspectos éticos que ancoram o projeto mais amplo na qual está inserida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

“Os homens não são objeto de estudo original, pois toda a história da humanidade, até período recente, foi escrita por eles. Mas é de homens sexuados e não universais que vamos tratar” (PRIORE; AMANTINO, 2013, p.10).

Tratar da história dos homens é tratar de uma história mesclada e entrelaçada por conflitos subjetivos e sociais, relações de dominação e, muitas vezes, de violência. Contudo, assim como a história das mulheres, esta conta também com afetos, atos de coragem e negociações interessantes, que nos levam ao encontro de homens e homens que entram em cena.

Delimitando um pouco o nosso alcance no tempo, vemos, com a chegada do século XX e seu contexto envolto por guerras, crescer e serem forjados ainda mais fortemente do que já eram, padrões masculinos pautados na coragem e na bravura como regras. Exige-se, mais do que nunca, um homem viril e igualmente incansável, sem falhas, veloz e bem-sucedido socialmente.

Com o passar dos anos e o impacto da imprensa, meio fundamental para agregar novos caracteres aos seres e as masculinidades, tornou-se pauta um “novo homem”. Ganhou força o movimento gay e os metrossexuais se apresentaram, junto a lançamentos de revistas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

masculinas e a ampliação da oferta de serviços que se propunham a cuidar do corpo masculino. Isso tudo afetou não apenas o físico, mas todo um imaginário social, que, como colocam Priore, Amantino (2013, p.13), multiplicaram a preocupação com a diversidade e trouxeram a questão: “*quantos homens cabem num só?*”.

Nos apegando a essa questão, temos aqui cinco homens, cinco discursos e, portanto, modos de subjetivação que quando parecem se encontrar, se diferenciam e se pluralizam. De forma que, ainda que haja sempre um padrão de masculinidade em jogo: um conjunto hegemônico de compreensões sobre os papéis sociais masculinos, correspondentes ao homem branco e burguês como um modelo ideal, e as masculinidades marginalizadas, que não se adaptam e que são tidas como “não-masculinidade”, há, neste meio, o único e o fazer de cada um com sua própria masculinidade.

Parte-se, então, do pressuposto de que há um modelo hegemônico de masculinidade e que este requer muitas vezes que o homem se molde às regras normativas impostas pela cultura. Contudo, como aponta Lyra (2008), não existe uma única masculinidade, visto que, apesar dessas formas hegemônicas, baseadas no poder social dos homens, construído e solidificado sócio-historicamente, existem também aquelas assumidas de modo complexo por homens individuais. Concebemos assim, que o poder imputado aos homens foi e vem sendo construído nas instituições, mas também ganha contornos e se particulariza nas formas como estes homens interiorizam e reforçam ou não este poder, a partir de seus modos próprios de subjetivação.

Tomando, enfim, a chegada do século XXI, em que nos deparamos com a era da liquidez sócio relacional, encontramos-nos com a hipótese lançada por Lyra (2008), de que a vulnerabilidade de alguns homens estaria mais aguda, ou intensa, ou generalizada neste momento atual em que se vê um poder masculino ser questionado. A associação da masculinidade ao poder e à violência não é mais única. Percebeu-se, ainda conforme Lyra (2008), que ela é construída e que se reproduz nas relações sociais, históricas e culturalmente datadas, na divisão social do trabalho, na socialização da família, ou seja, a partir de diversas formas que são, em certa medida, exigidas para que haja socialização e interação.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É assim que vemos nos entrevistados a ruptura de um modelo ideal e tradicional de ser homem escapar em seus discursos e, paulatinamente, o delinear e o fortalecimento de outras formas de expressão da masculinidade que marcam suas histórias. Apesar um modelo tradicional, hegemônico, caracterizado como aquele que corresponde aos ideais de uma cultura patriarcal onde os homens têm uma posição de domínio sobre as mulheres e seus filhos (BEIRAS; LAGO, 2007) ter aparecido em cada um dos discursos analisados, vê-se que ele já não é tão forte.

Este modelo tradicional que representa o poder, a força, a autoridade e a virilidade, como um ideal a ser seguido, esteve presente de forma notável nos discursos muito mais como um contraexemplo, em diferentes proporções, do que como algo adotado e tomado como verdade. No meio da complexidade dos processos de subjetivação, vemos, então, certas rupturas e transformações, dando sinais das masculinidades que são reinventadas e multiplicadas.

Assim, encontramos, no discurso de Pedro, por exemplo, questionamentos sobre ser homossexual envoltos em certo medo, provavelmente consequente de um modelo imposto como “natural” e obrigatório para sua masculinidade; modelo este, necessariamente vinculado ao seu gênero. Pedro, então, deixa-se tomar pela tentativa de provar ao outro o seu “ser homem”, produzindo o seu gênero para um outro, como assinala Butler (2013). Contudo, ao longo da sua fala, ele conta sobre sua namorada, e seu modo de ser com ela, bem como dos seus amigos e do quanto são diferentes dos “outros homens”. Essa forma de pensar, diz ele, contraria o seu pai e o ideal de masculinidade que lhe é apresentado.

A transmissão de um modo de ser masculino parece ter sido, em parte, recusado por Pedro, ao encontrar um modo de se separar da masculinidade paterna, por meio do companheirismo. Aqui se delineia um novo significante circundando a masculinidade de Pedro - companheirismo.

Na entrevista com Carlos, vemos um jovem que não compra o discurso hegemônico. Interpelado ao longo de sua vida, conforme a sua fala, pela questão “Não é homem não?”, feita pela sua família, Carlos findou por tomar um casal e a divisão de tarefas como uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

referência e não o que sua família tentava lhe impor – o modelo hegemônico. Diferentemente dos demais, Carlos separa o seu gênero de desejo sexual, adentrando na lógica butleriana da intelegibilidade de gêneros tidos como inteligíveis. Ele consegue, então, se livrar e/ou ressignificar as imposições de gênero, que se mostram não necessariamente castradoras; para uns, sim e para outros, não.

Embora Carlos sinta na família uma necessidade de demarcar a masculinidade, isso não o incomoda e a masculinidade parece se delinear para ele em um novo significante: a parceria.

Luiz, traz desde o primeiro momento a figura do seu pai como exemplo de uma masculinidade autoritária e vazia, e sinaliza não querer e não ter se subjetivado dessa mesma maneira. E assim, assustado com a figura masculina que criou em sua fantasia com base na imagem paterna, Luiz se coloca com “Minha masculinidade não é essa” e completa, “Talvez eu não saiba falar sobre masculinidade, porque meu referencial de masculinidade foi a minha mãe”. Retirando a mulher do lugar de objeto, sinalizado pelo pai, ele traz à tona o que Lacan trabalhava no sentido de que a diferença sexual está na linguagem⁶, naquilo que é dito sobre os corpos, ou seja, no discurso e não na anatomia.

Tomando agora, na fase adulta, o seu namorado como uma referência para sua masculinidade, Luiz aponta o ser confiável e cuidadoso como significantes possíveis às masculinidades.

João, por sua vez, por ter tido um relacionamento homossexual e hoje ser casado e assíduo no contexto evangélico, desenvolveu sua fala no sentido de expor a normalidade do ser homem, trazendo a paternidade, como um fator que restituiu o seu lugar de homem “normal”. Vê-se, nessa fala, a constante busca por se adaptar a lógica dos estereótipos que estigmatizam as masculinidades tradicionais, embora, como sinaliza Butler (2013), algo escape nessa reprodução de João, quando ele se identifica com sua filha e se permite sentir todos os sintomas que envolveram a gestação dela, como enjoos e contrações.

É interessante pontuar que João também busca, em sua fala, colocar uma sensibilidade e “fraqueza” nos homens, por exemplo, com relação a dor. Durante a entrevista ele colocou

⁶ Neste ponto é relevante sinalizar que concordamos com Porchat (2014), com base em Butler (2013), que à psicanálise caberia deixar mais claro, inclusive através do emprego da nomenclatura, que toma a organização binária como forma de organização social, para não cair na lógica da reprodução dos gêneros existentes em sua maneira clássica, heterossexista. “Mesmo porque, a psicanálise não tem que reproduzir o discurso da maioria e, sim, permitir o discurso do singular (PORCHAT, 2014, p.134).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que os homens são muito mais fracos do que as mulheres, por não suportarem a dor. É interessante colocar que João ainda desempenha todas as suas atividades no âmbito privado, sendo responsável pelos afazeres domésticos, enquanto sua esposa vai trabalhar no espaço público. Essa organização põe em cheque a lógica das relações binárias em que cabe ao homem e a mulher, respectivamente, o espaço público e o espaço privado.

Ainda que tentando “normalizar” a masculinidade, João destaca que “ser homem” é ter caráter, significante que perpassa, para ele, a ideia de afetividade e cuidado.

José, por fim, apresentando todo o afeto que tem pelos seus cães, curiosamente nomeados de papai, mamãe, painho e mainha, fala sobre a importância do sentimento de pertencimento. Partindo desse ponto, ele desenvolve “Machos são os meus cachorros e homens são os meus filhos”, e passa a falar sobre o quão prazeroso foi poder sentir os seus filhos e os seus netos em seu peito, apresentando sua masculinidade demarcada na afetividade.

José, de todos os entrevistados, foi o que mais associou a masculinidade ao exercício da sexualidade, embora tenha feito uma divisão: há, para ele, o lado sexual e corporal do homem, mas há um outro lado, o da sensibilidade. A todo momento, durante a entrevista, José buscou nomear a sua masculinidade a partir de fatores que reafirmavam sua virilidade através de suas falas e posturas. Contudo, no fim, expondo seu lado místico e espiritualizado, ele concluiu dizendo que “Espírito não tem sexo, então isso tudo que eu falei não existe”.

O que percebemos, ao longo de todas as falas, é que ser homem ou tornar-se homem corresponde a saber, com base em um imaginário social construído ao longo dos anos, quais comportamentos adotar no tempo em que se está inserido. Assim, historicamente falando, mesmo que haja um conjunto de delegações majoritárias, convém falar em masculinidades, que convivem, que têm pontos de divergência e que são afetadas pela construção social de gênero.

Nesse sentido, o que percebemos é que todos os sujeitos, de fato, estão sendo constantemente atravessados por essa lógica socialmente instituída, no entanto, como sujeitos ativos que são, subjetivam de forma particular tal lógica. Daí podermos falar de “modos de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

subjetivação” como a forma através da qual cada sujeito reflete, delinea e maneja suas questões em sua própria singularidade, ou seja, como os modos através dos quais são compostas as maneiras de existir. Segundo Mansano (2009, p.113), tais modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, cooperando para produzir formas de vida e de organização social diferenciadas, flexíveis e em constante transformação.

Sobre isso, é relevante assinalar que na fala de todos os entrevistados a figura paterna surgiu como um ponto de partida e de cobranças, representante de uma masculinidade “ideal” no discurso, mas não tão ideal para prática e para a vida deles, de formas diferentes e em diferentes medidas para cada um. Outro ponto importante é que, embora a sexualidade tenha aparecido como um marcador das masculinidades, de forma mais específica, das masculinidades hegemônicas, os entrevistados a apresentaram como algo que não os representa.

4. CONCLUSÃO

Pensando em tudo o que foi discutido, é importante assinalar que nossa compreensão final perpassa a ideia de que cada sujeito é único e precisa ser escutado e ser tomado como o próprio referencial, ainda que, tanto masculinidade quanto feminilidade sejam efeitos de uma aprendizagem cultural e de uma construção social.

Diante dessas considerações, destacamos que falar sobre masculinidades se colocou para nós como uma tarefa, antes de tudo, complexa, uma vez que, como aponta Lyra (2008), investigar sobre este tema “significa não apenas apreender e analisar os sentidos disponíveis sobre o masculino no imaginário, mas também discutir preconceitos e estereótipos e repensar a possibilidade de construir outras versões e sentidos”.

Daí a ideia de que, da condição de autores da história, como colocam Priore, Amantino (2013), os homens passem a atores da história, pensando as mudanças quanto ao seu papel na família, no exercício do trabalho, da paternidade e da sexualidade, contextos e fatores que os interpelam e requerem uma reflexão, sobretudo se pensarmos que muitos destes



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

homens enfrentam dificuldades e trazem em si outros desejos que não aqueles determinados pelo modelo hegemônico de masculinidade.

Considerando que nem todos os homens são iguais, como já aponta a psicanálise em sua fundação com a própria noção de Inconsciente, existem muitos caminhos possíveis para as posições de sujeito masculinos, indo além do biológico, do naturalizado e essencializado, pensando nas possibilidades novas e sempre presentes, que precisam ser respeitadas.

5. REFERÊNCIAS

- BEIRAS, A. **A negociação de sentidos sobre masculinidades e paternidades em contextos populares de Florianópolis**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Florianópolis, 2007. Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90787/242933.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em 30 mar. 2015.
- BEIRAS, A.; LAGO, M. C. S. **Os encontros e desencontros entre o ser homem e o ser pai em sujeitos de camadas populares de Florianópolis**. 2007. Disponível em < http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_204.pdf > Acesso em 30 mar. 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013
- CONNELL, Robert. W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- GOMÁRIZ, E. “Los estudios de género y sus fuentes epistemológicas: periodización y perspectivas”. In: RODRÍGUES, R. **Fin de siglo: genero y cambio civilizatorio**. Santiago: Isis International, 1992. p. 83-110.
- LACAN, Jacques. O Inconsciente e a repetição. In: **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ed, 2008, p. 24-47.
- LYRA, J. L. F. Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas (2003-2006). Recife: J. L. C. L. da Fonseca, 2008, 262 p. Disponível em < <http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/3896/2/000018.pdf> > Acesso em 15 jul. 2014.
- MANSANO, S. R.V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de psicologia da UNESP**, 2009, v. 8, p. 110-117. Disponível em < <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172> > Acesso em 05 abr. 2014.
- MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista estudos feministas**, 2008; v. 16, p.20-35. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05.pdf> > Acesso em: 24 mar. 2014.
- PORCHAT, P. **Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler**. Curitiba: Juruá, 2014, p.77-116.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Orgs.) **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013.